

Revisão de Literatura

A ANÁLISE DO DISCURSO: UMA REVISÃO TEÓRICA*

DISCOURSE ANALYSIS: A THEORETICAL REVIEW

ANÁLISIS DEL DISCURSO: UNA REVISIÓN TEÓRICA

Paula Cambraia de Mendonça Vianna **

Sônia Barros ***

RESUMO:

Este ensaio se propõe a realizar uma revisão teórica sobre a técnica da escola francesa de análise do discurso, esclarecendo as relações do texto com a ideologia e explicitando o modo de constituição dos sujeitos e de produção dos sentidos.

Palavras-Chave: Semântica; Análise do Discurso

As manifestações políticas que aconteceram na França, no ano de 1968, propiciaram o desenvolvimento da Análise do Discurso (AD) pois buscava-se, nesta época, a construção de uma abordagem discursiva dos processos ideológicos.

Segundo Maingueneau ⁽¹⁾, podemos citar três lugares principais de manifestação dos novos estudos:

- Departamento de Lingüística da Universidade de Paris X, em Nanterre, dirigido por Jean Dubois. Abordavam o discurso político dentro da análise harrisiana.

- Centro de Leximetria Política da Escola Normal Superior de Saint Cloud que elaborava instrumentos de informação para estudar o vocabulário dos panfletos dos movimentos estudantis de maio de 1968.

- Laboratório de Psicologia Social de Paris VII onde trabalhava Michel Pêcheux, íntimo colaborador de Althusser. Nesse local, colocavam a informação a serviço de uma semântica marxista apoiada em conceitos da psicanálise

lacaniana. Pêcheux investiu contra o positivismo dominante na Psicologia Social e contra os comunistas que rejeitavam a psicanálise.

Em 1969, duas obras marcam o nascimento oficial da AD: o número 13 da revista *Langages* intitulado "A Análise do Discurso", elaborado na Universidade de Nanterre e o livro "Análise Automática do Discurso", de autoria de Michel Pêcheux. Nessa época, Michel Foucault lança o livro "Arqueologia do Saber" que vai abrir à AD novas vias para a discussão do novo método, diferentes do pensamento de Althusser.

Segundo Pêcheux ⁽²⁾, o princípio destas novas práticas de leitura "consiste em multiplicar as relações entre o que é dito aqui (em tal lugar), e dito assim e não de outro jeito, com o que é dito em outro lugar e de outro modo, a fim de se colocar em posição de 'entender' a presença de não-ditos no interior do que é dito".

* Este ensaio é parte da tese de doutoramento de Paula Cambraia de Mendonça Vianna, intitulada "A reforma psiquiátrica e as associações de familiares: unidade e oposição".

** Paula Cambraia de Mendonça Vianna. Enfermeira; Doutora em Enfermagem. Professora da Escola de Enfermagem/UFMG.

*** Sônia Barros. Enfermeira; Doutora em Enfermagem. Professora da Escola de Enfermagem/USP.

Endereço para correspondência:

Rua: Henrique Passini 36/201

Belo Horizonte - MG

CEP: 30220-380

E-mail: paulacambraia@ufmg.br

Portanto, esse autor propõe uma nova forma de reflexão sobre a linguagem que aceita o desconforto de não se ajeitar nas evidências e no lugar já-feito, trabalhando na (des) construção e compreensão incessante de seu objeto: o discurso. Essa forma de conhecimento que se faz no entremeio leva em consideração o confronto, a contradição entre a teoria e a prática de análise, configurando-se como uma região de equívoco onde se ligam materialmente o inconsciente e a ideologia.

Neste estudo, utilizaremos os fundamentos desta Escola Francesa de Análise do Discurso que se distingue da Escola Anglo-saxã tanto no tipo de discurso analisado como nos objetivos, método e origem. A seguir, apresentaremos as principais distinções entre estas duas escolas, de acordo com F. Gadet citado por Maingueneau ⁽³⁾.

	AD francesa	AD anglo-saxã
• Tipo de discurso	Escrito Quadro institucional-doutrinário	Oral Conversação cotidiana comum
Objetivos determinados	Propósitos textuais explicação – forma Construção do objeto	Propósitos comunicacionais descrição – uso Imanência do objeto
• Método	“estruturalismo” lingüística e história	interacionismo psicologia e sociologia
• Origem	lingüística	Antropologia

O que distingue a AD de outras práticas de análise de textos é a utilização da lingüística. Para Maingueneau ⁽³⁾, “optar pela lingüística, de modo privilegiado mas não exclusivo, consiste em pensar que os processos discursivos poderão ser apreendidos com maior eficácia, considerando os interesses próprios à Análise do Discurso”.

Essa disciplina sofre também influências teóricas do materialismo histórico e da psicanálise mas “interroga a Lingüística pela historicidade que ela deixa de lado, questiona o Materialismo perguntando pelo simbólico e se demarca da psicanálise pelo modo como, considerando a historicidade, trabalha a ideologia como materialmente relacionada ao inconsciente sem ser absorvida por ele” Orlandi⁽⁴⁾. Na confluência desses campos do conhecimento, a AD produz um recorte de disciplinas e constitui um novo objeto que vai afetar essas regiões do conhecimento em seu conjunto: o discurso.

Para Althusser ⁽⁵⁾, “foi a partir de Freud que começamos a suspeitar do que escutar, logo do que falar (e calar) quer dizer: que este ‘quer dizer’ do falar e do escutar descobre, sob a inocência da fala e da escuta, a profundidade determinada de um

fundo duplo, o ‘quer dizer’ do discurso do inconsciente - este fundo duplo do qual a lingüística moderna, nos mecanismos da linguagem, pensa os efeitos e condições formais”.

A psicanálise nos traz três conceitos fundamentais para a compreensão do sujeito: o simbólico, o imaginário e o real. O simbólico diz respeito à cultura, à inserção do sujeito em sua realidade sócio-histórica. O real pode ser definido como a descontinuidade, a dispersão, a incompletude, a falta, o equívoco constitutivo tanto do sujeito como do sentido. Já o imaginário faz referência à unidade, à completude, à coerência, ao claro e distinto, à não contradição. É por essa articulação necessária e sempre presente entre o real e o imaginário que o discurso funciona ⁽⁴⁾.

Etimologicamente, a palavra discurso “tem em si a idéia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o discurso observa-se o homem falando” Orlandi, ⁽⁴⁾. Para essa autora, na perspectiva discursiva, a linguagem é linguagem porque faz sentido e ela só faz sentido porque se inscreve na história. Nesse contexto, a linguagem “é uma instituição social, o veículo das ideologias, o instrumento de mediação entre os homens e a natureza, os homens e os outros homens” Fiorin ⁽⁶⁾.

Podemos, portanto, afirmar que o dizer não é uma propriedade particular pois as palavras não são somente nossas, elas significam pela história e pela língua. Há um já-dito que deve ser identificado na sua historicidade, ficando ao sabor da ideologia e do inconsciente. O discurso é o lugar onde se pode observar a relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos. A língua é, pois, condição de possibilidade do discurso, é onde a ideologia se materializa (Orlandi, 1999).

O homem é produto das relações sociais e aprende como ver o mundo pelos discursos que assimila. Segundo Fiorin ⁽⁶⁾, “não há a possibilidade de existir um homem livre de todas as coerções sociais. . se o homem é limitado por relações sociais, não há uma individualidade de espírito nem uma individualidade discursiva absoluta”. Para esse autor, os discursos estão de acordo com as tradições culturais de uma sociedade, configurando-se como a reprodução inconsciente do dizer de seu grupo social.

Entendemos a memória discursiva como “o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra” Orlandi, ⁽⁴⁾. Dessa forma, os homens esquecem o que já foi dito para, ao se identificarem com o que dizem, se constituem em sujeitos.

Para Orlandi ⁽⁴⁾ e Pêcheux ⁽²⁾ existem duas formas de esquecimento que são inerentes ao discurso. O esquecimento nº 2 é da ordem da enunciação: ao falarmos, o fazemos de uma maneira e não de outra. O sujeito ‘seleciona’ no interior da formação discursiva o que dizer. O esquecimento nº 1 é

chamado esquecimento ideológico. Ele é da ordem do inconsciente e é resultado do modo pelo qual somos afetados pela ideologia. Temos a ilusão de sermos a origem do que falamos quando, na realidade, retomamos sentidos pré-existentes.

Ao utilizarmos a AD como método de análise estamos procurando ir além do que se diz, do que fica na superfície das evidências. Estamos aí, buscando a sua essência, o não-dito, o que se esconde nas palavras, a relação do homem com seu mundo social-histórico. “Espera-se do analista que atravesse o efeito de transparência da linguagem, da literalidade do sentido e da onipotência do sujeito. que invista na opacidade da linguagem, no descentramento do sujeito e no efeito metafórico, isto é, no equívoco, na falha e na materialidade. No trabalho da ideologia” Orlandi, ⁽⁴⁾.

Entendemos a ideologia como um conjunto de idéias e representações que servem para justificar e explicar a ordem social, as condições de vida do homem e as relações que ele mantém com os outros homens. .é uma ‘visão de mundo’. . a maneira como uma classe ordena, justifica e explica a ordem social Fiorin ⁽⁶⁾. Na análise do discurso, a ideologia, enquanto prática significativa, “aparece como efeito da relação necessária do sujeito com a língua e com a história para que haja sentido” Orlandi, ⁽⁴⁾.

A ideologia tem a função de produzir evidências e é condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. O sentido é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas. Dessa maneira, o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer. Portanto, não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia Orlandi, ⁽⁴⁾.

Para essa autora, o sujeito da AD é materialmente dividido desde sua constituição: ele é sujeito de e é sujeito à. Ele é sujeito à língua e à história, pois para se constituir, para (re) produzir sentidos, ele é afetado por elas. Corroborando com essa afirmação, Pêcheux ⁽²⁾ nos traz que “a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito)”.

Para cada formação ideológica temos uma formação discursiva que materializa uma dada visão de mundo de uma determinada classe social. Segundo Fiorin ⁽⁶⁾, “assim como uma formação ideológica impõe o que pensar, uma formação discursiva determina o que dizer”. Dessa maneira, o funcionamento discursivo é marcado pelas relações que se estabelecem entre a linguagem, as condições de produção e a ideologia Orlandi, ⁽⁶⁾.

Importante delimitarmos as diferenças entre texto e discurso. Para Fiorin ⁽⁶⁾, o texto “é unicamente um lugar de manipulação consciente, em que o homem organiza, da melhor

maneira possível, os elementos de expressão que estão a sua disposição para veicular seu discurso. O texto é, pois, individual, enquanto o discurso é social”.

O discurso é a linguagem em interação, ou seja, é o efeito de superfície de relações estabelecidas e do contexto da linguagem. O texto é o discurso acabado para fins de análise, devendo ser entendido como um *monumento*; permeado pelas condições de produção e pela historicidade nele contida Minayo ⁽⁸⁾.

Cada texto é um pronunciamento sobre dada realidade. Ele espelha as concepções, as idéias, as crenças e os valores de uma sociedade numa determinada época e surgem das condições de existência. Importante salientar que uma sociedade não produz uma única forma de ver a realidade pois como ela é dividida pelos interesses antagônicos dos diferentes grupos sociais, produz idéias contrárias entre si. Quando nos propomos a fazer uma leitura do texto e entender com mais eficácia o seu sentido, devemos verificar, portanto, as concepções correntes na época, na sociedade e no grupo social em que foi produzido Fiorin e Savioli ⁽⁹⁾.

“Toda leitura, para não ser equivocada, deve necessariamente levar em conta o contexto que envolve a passagem que está sendo lida, lembrando que esse contexto pode vir manifestado explicitamente por palavras ou pode estar implícito na situação concreta em que é produzido” Fiorin e Savioli ⁽⁹⁾. Para esses autores, o contexto significa uma unidade lingüística maior onde se encaixa uma unidade lingüística menor. Dessa maneira, nunca podemos basear a leitura em fragmentos isolados do texto pois o significado das partes é determinado pelo contexto no qual está inserido.

Existem três níveis de leitura que se distinguem pelo grau de abstração. Portanto, o texto se estrutura em níveis de abstração crescente. Esses níveis são, assim, denominados: nível mais superficial (estrutura discursiva); nível intermediário (estrutura narrativa); e nível mais profundo (estrutura profunda). O primeiro nível depreende os significados mais complexos e mais concretos enquanto o terceiro nível depreende os significados mais simples e abstratos. Para chegarmos a esse nível, devemos agrupar os significados aparentados, que têm algo em comum Fiorin e Savioli ⁽⁹⁾.

Os textos têm como componentes básicos as figuras e os temas. A figura é o elemento semântico que remete a um elemento do mundo natural enquanto o tema designa um elemento não presente no mundo natural mas que exerce o papel de categoria ordenadora dos fatos observáveis. Os textos podem ser considerados figurativos ou temáticos quando há uma maioria de figuras ou temas em sua composição ⁽⁶⁾.

Uma figura não tem significado em si mesma, seu sentido nasce do encadeamento com outras figuras. O que dá sentido às figuras é um tema pois um texto figurativo busca

com os dados concretos revelar significados mais abstratos. Portanto, encontrar o sentido de um conjunto de figuras encadeadas é achar o tema que está subjacente a elas. Nos textos temáticos, devemos perceber a mesma coerência interna presente no encadeamento das figuras. A partir do encadeamento dos diferentes temas disseminados ao longo do texto, chegaremos ao tema geral do texto ⁽⁹⁾.

Na análise do texto, o leitor deve percorrê-lo inteiro, localizando as figuras e os temas que conduzem a um mesmo bloco de significação. Esse agrupamento de figuras e temas a partir de um elemento significativo nos aponta para a apreensão do tema do texto ⁽⁹⁾.

Outro procedimento importante na interpretação de um texto é a segmentação. Para esses autores, segmentar “é o mesmo que separar um todo nos seus vários segmentos, ou seja, dividir um conjunto nas suas partes componentes”. A partir do momento que percebemos as relações existentes entre as várias partes, superamos a visão fragmentária do texto e adquirimos a visão da totalidade e da estrutura global do texto.

Os critérios utilizados para a segmentação se fundamentam, principalmente, nas oposições ou nas diferenças existentes entre as várias partes de um texto. Para Fiorin e Savioli ⁽⁹⁾, são quatro os critérios de segmentação mais comumente usados:

- critério baseado na oposição temporal;
- critério baseado na oposição espacial;
- critério baseado na oposição entre os vários personagens;
- critério baseado em oposições temáticas.

A escolha de um critério vai depender do texto que se pretende dividir pois um critério utilizado em um texto pode não ser adequado para um outro texto.

Portanto, o trabalho de análise inicia-se pela configuração do corpus, “delineando-se seus limites, fazendo recortes. ., retomando conceitos e noções, pois a análise de discurso tem um procedimento que demanda um ir-e-vir constante entre teoria, consulta ao corpus e análise. Esse procedimento dá-se ao longo de todo o trabalho” ⁽⁴⁾.

Para essa autora torna-se necessário, no procedimento de análise, esclarecer as relações do texto com as formações discursivas, explicitando o modo de constituição dos sujeitos e de produção dos sentidos. Devemos apreender a historicidade do texto e a simbolização das relações de poder presentes no mesmo, compreendendo como se constituem os sentidos do dizer e sua relação com a ideologia.

De acordo com o exposto, devemos obedecer a seguinte seqüência para a realização da análise do discurso, proposta por Fiorin e Savioli (1999):

- Leitura repetida dos discursos.
- Análise das várias possibilidades de leitura do texto. Importante salientar que um texto pode permitir várias leituras, mas isto não implica que qualquer interpretação seja correta e nem que o leitor possa dar ao texto o sentido que lhe aprouver.
- Análise da estrutura do texto de acordo com as estruturas discursiva, narrativa e profunda, procurando apreender as figuras e os temas.
- Identificação dos valores, crenças e concepções dos sujeitos, presentes no texto.
- Identificação das argumentações presentes nos discursos dos sujeitos. A argumentação está presente em qualquer texto e é entendida como qualquer tipo de procedimento usado pelo produtor do texto para persuadir o leitor a aderir às teses defendidas pelo texto.
- Reconhecimento da emergência das categorias empíricas deste estudo a partir dos temas apreendidos.

Considerações Finais

A análise do discurso, enquanto técnica de leitura e análise do texto, permite uma compreensão mais profunda do texto de acordo com a realidade social e histórica na qual foi produzido. Segundo Fiorin ⁽⁶⁾, “é o discurso que vai revelar quem é o sujeito, qual é a sua visão de mundo”.

A sua utilização por outras áreas do conhecimento, em especial a área de saúde, tem permitido ao analista uma compreensão mais dinâmica do texto, reconhecendo e interpretando as concepções sobre um determinado objeto de acordo com o contexto onde foi produzido.

Abstract

This essay is a theoretical review of discourse analysis according to the French school, clarifying the relations between text and ideology and making explicit the ways for the constitution of subjects and the production of meaning.

Key-words: *Semantics; Discourse Analysis.*

Resumen

Este estudio se propone realizar una revisión teórica de la técnica de la escuela francesa de análisis de discurso, esclareciendo las relaciones del texto con la ideología y explicitando el modo de constitución de los sujetos y de la producción de los sentidos.

Palabras clave: *semántica; análisis del discurso*

Referências Bibliográficas

1. Maingueneau D. L'analyse du discours: introduction aux lectures de l'archive. Paris: Hachette; 1991.
2. Pêcheux M. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. 3ª ed. Campinas: Ed. Unicamp; 1997.
3. Maingueneau D. Novas tendências em análise do discurso. 3ª ed. Campinas: Pontes; 1997.
4. Orlandi EP. Análise de discurso: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes; 1999.
5. Althusser L, Rancière J, Macherey P. Ler o capital. Rio de Janeiro: Zahar; 1979. v.1.
6. Fiorin JL. Linguagem e ideologia. 7ª ed. São Paulo: Ática; 2000.
7. Orlandi EP. A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso. 4ª ed. Campinas: Pontes; 1996.
8. Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 6ª ed. São Paulo: Hucitec; 1999.
9. Fiorin JL, Savioli FP. Para entender o texto: leitura e redação. 15ª ed. São Paulo: Ática; 1999.